Mentiras.

Em uma tarde de outubro, o céu estava coberto por um tom de cinza melancólico, o tipo de cor que parece se apegar ao coração. Benjamin encostou-se a um poste no parque, os olhos fixos no horizonte onde o sol começava a se pôr. Com pressa, ele acendeu seu último cigarro. O relógio em seu pulso parecia correr mais rápido que o normal, acelerando a ansiedade que sentia. Ele estava prestes a encontrar alguém, uma garota que conhecia casualmente naquele mesmo parque a dias

Havia algo de diferente nela, uma aura de mistério que o intrigava. Durante aquela breve conversa, ela parecia ser exatamente o que ele estava

procurando há tanto tempo. Sentia-se otimista – ou talvez fosse só esperança, a última centelha que ele ainda permitia cultivar. *Dessa vez seria diferente*,

Caminhando apressado, Benjamin chegou ao local combinado. O sol já estava quase desaparecendo, o vento frio começou a soprar, e as horas se arrastaram. Ele olhou ao redor, cada vez mais inquieto, até que, por fim, a realidade começou a se insinuar como uma lâmina fria: ela não viria. Sua mente, sempre inquieta, começou a se auto-responder.

Talvez ela tenha algo mais importante a fazer. Ou, quem sabe, esqueceu-se completamente do encontro...

Mas, no fundo, Benjamin sabia a verdade. Ele foi mais uma vez

dispensado, rejeitado de forma sutil, mas inequívoca. Ela sequer lhe deu o número de telefone, um sinal claro de que aquilo nunca fora mais do que um encontro casual para ela. Desapontado, mas não surpreso, Benjamin iniciou o caminho de volta para casa, os passos lentos e pesados, como se carregasse o peso de todos

Ele não era estranho nesses momentos. Na verdade, essa sensação de estar condenado à solidão era uma companhia antiga, uma ideia que o perseguia como uma sombra. Voltando para seu apartamento pequeno e silencioso, não poderia deixar de pensar que a vida parecia uma repetição cruel de cenas previsíveis. A esperança sempre se esvaía.

No dia seguinte, Benjamin voltou à rotina. Trabalhar na cafeteria lhe dava

uma perspectiva única sobre as vidas alheias. Ele observava as pessoas entrando e saindo, todos os dias, sempre com o mesmo ritmo mecânico. Alguns apenas cansados, outros apressados, e havia aqueles que, honestos, genuinamente felizes, como se um dia de folga fosse suficiente para poupar o peso

Mas, para Benjamin, havia algo profundamente errado, mesmo que ele não conseguisse apontar exatamente o que era. Algo sobre a rotina dos outros lhe parecia... vazio. Enquanto limpava uma mesa, ele murmurava para si mesmo, uma reflexão que crescia em sua mente há muito tempo

— O ser humano sempre me impressionou... Todo dia a mesma coisa. Eles acordam, trabalham, estudam. Para quê

Ele balançau a cabeça, um meio sorriso amargo se formando em seu rosto

– Ignoraram o fato de que vão morrer. Era como se suas vidas fossem o centro de algo maior, como se tivessem um propósito cósmico, mas não têm... Não somos nada.

Essa constatação, tão clara para Benjamin, não parecia perturbar os outros. Para eles, ignorar sua mortalidade era essencial para seguir adiante. Eles criaram pequenas mentiras para si mesmos, construíram rotinas, se apegaram a objetivos que, no fim das contas, não fizeram nada. Ele, por outro lado, sentiu-se incapaz de contar essas mesmas mentiras a si mesmo, e isso o isolava ainda mais

– No fundo, o que mantém o homem vivo é o quão bem ele pode mentir para si mesmo – concluiu em voz baixa, enquanto observava um cliente sair apressado, provavelmente atrasado para o trabalho. – Talvez isso seja útil, uma forma de suicídio filosófico

Mas ele sabia que, para pessoas como ele, incapazes de se enganar, a vida era uma estrada mais difícil. A dor de saber que não havia uma resposta exata para o mistério da existência, que o mundo não lhe desviasse sentido algum, era esmagador. E talvez, pensou Benjamin, que essa fosse a razão pela qual ele se sentia

A verdade, nua e crua, era dolorosa demais

Chegando em casa, Beijamin entrou no

pequeno quarto depois de mais um dia longo de trabalho na cafeteria. A jaqueta impregnada com o cheiro de café e o avental que ainda trazia pequenas manchas de leite vaporizado foram jogados sobre a cadeira, e ele deixou-se cair na poltrona, exausto. A jornada havia sido especialmente dura, com clientes impacientes, pedidos acumulados e a velha cafeteira que teimava em travar nos momentos de maior movimento.

Enquanto acendia um cigarro, Beijamin deixou sua mente vagar, revivendo as conversas breves e triviais que tivera ao longo do dia. Em seu trabalho, era esperado que ele fosse gentil, prestativo, um rosto amigável que os clientes encontravam todas as manhãs. Mas ele sabia que, por trás de cada sorriso que oferecia, havia uma pequena mentira. O sorriso não era

sempre sincero, o interesse pelas histórias dos clientes era muitas vezes forçado, e as palavras reconfortantes que dizia eram, na verdade, mais por obrigação do que por genuína empatia.

Uma das clientes, uma senhora que vinha todas as manhãs pedir um cappuccino, confidenciara a ele que seu filho havia conseguido um emprego em uma grande empresa. Ela parecia tão orgulhosa, radiante. Beijamin, por sua vez, a parabenizara com um sorriso largo e palavras de incentivo. Mas, lá no fundo, ele sentia a ironia da situação. Havia tantos sonhos e esperanças em cada palavra daquela mulher, e, ainda assim, sabia que, por trás daquela felicidade, havia mentiras que ela contava a si mesma para não ser esmagada pela realidade.

"Qual é o problema em mentir para si mesmo?", ele murmurou, lembrando-se de outras conversas, outras trocas de palavras no balcão da cafeteria. "É como o açúcar no café amargo, não é? Uma forma de tornar tudo mais fácil de engolir."

Beijamin olhou para o espelho empoeirado do quarto. Viu o reflexo de um homem cansado, de olhos opacos, que se esforçava para acreditar que a vida que levava ainda tinha algum significado. Por que fingia que estava tudo bem? Que adorava o trabalho, que a rotina na cafeteria era sua paixão? A resposta era simples: porque a mentira o fazia continuar. A mentira era o que o permitia levantar da cama todas as manhãs, colocar o avental e repetir as mesmas palavras de sempre para os clientes que vinham

e iam, dia após dia.

Ele tragou o cigarro, sentindo a fumaça queimar sua garganta, e seus pensamentos o levaram à conclusão inevitável: "A mentira é a essência construtiva para uma vida saudável mentalmente." A frase surgiu, nítida e clara, como se sempre estivesse lá, esperando para ser dita.

Beijamin apagou o cigarro no cinzeiro abarrotado e ficou olhando para a fumaça que se dissipava no ar. Fechou os olhos por um momento, sentindo o peso da realidade se dissolver em meio às mentiras que alimentara durante anos. Talvez não houvesse diferença entre a mentira e a verdade, afinal. Talvez fossem apenas dois lados da mesma moeda, rodopiando incessantemente no ar, esperando por alguém que as enxergasse como um